

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA NORMAL SUPERIOR**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A PRESENÇA DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

**KEILA DE CÁSSIA SOUSA DOS SANTOS**

**Manaus – AM**

**2018**

**KEILA DE CÁSSIA SOUSA DOS SANTOS**

**A PRESENÇA DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE  
LÍNGUA PORTUGUESA**

**Manaus, 07 de dezembro de 2018.**

**Membros da Banca de Defesa:**

---

**Profa. Me. Jeiviane Justiniano (UEA)**

---

**Profa. Dra. Maria Evany do Nascimento (UEA)**

---

**Profa. Me. Aline Cristina das Neves (UEA)**

# A PRESENÇA DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Keila de Cássia Sousa dos Santos (UEA/ENS)

Jeiviane Justiniano da Silva (Orientadora)

## RESUMO:

Neste trabalho, analisamos o modo como as variações linguísticas são tratadas em dois Livros Didáticos de Língua Portuguesa, mais precisamente nos volumes direcionados aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da rede pública. Para tanto, selecionamos, como material de investigação, a obra *Português Linguagem*, de autoria de William Cereja e Thereza Cochar (2015) e a obra *Vontade de saber Português*, de Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto (2012). Para a análise, seguimos os critérios estabelecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A justificativa manifesta-se pela importância de um conhecimento mais aprofundado dos livros didáticos que estão sendo usados nas escolas e pela necessidade de abordar, de forma contínua e reflexiva, a diversidade linguística no contexto escolar. A pesquisa teve como parâmetros principais os estudos de Bagno (1999,2007), Bortoni - Ricardo (2004, 2005) e Irlandé Antunes (2007). Os resultados mostram que as variações linguísticas regionais e sociais ocupam poucos espaços nos livros didáticos analisados, pois a preocupação desses instrumentos de ensino ainda se concentra nos exercícios normativos e prescritivos, do certo e do errado, do uso da língua.

**Palavras-chave:** Variação linguística; Livro didático; Língua Portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao notar a realidade da sala de aula, sobretudo nas aulas de língua portuguesa, percebe-se que o ensino tradicionalista ainda surge com mais ênfase. Razão pela qual faz o professor concentrar os estudos na gramática normativa, como se esta fosse a única forma correta a ser usada pelos falantes, recusando assim, as demais variedades, regionais e sociais, da língua. Esse fator poderá ter como consequência o preconceito linguístico em relação às variações linguísticas, que são rotuladas como erradas diante da norma padrão.

Muitas vezes, as variações da língua são tratadas com valor pejorativo, gerando um preconceito. Essas situações surgem quando o falante de uma variedade linguística diferente da dos demais colegas, e até mesmo do próprio professor, sofre com ásperas correções realizadas de forma inadequada, como se fosse um erro a sua forma de falar e se expressar,

fato que ignora seus saberes linguísticos anteriores, adquiridos em sua primeira comunidade de fala: a família.

Apesar disso, podemos perceber, principalmente ao longo das três últimas décadas, uma maior preocupação sobre o tema das variações linguísticas nas salas de aula. Podemos atribuir essa maior atenção a dois importantes fatos. Primeiro, o maior reconhecimento das línguas maternas, como fator da realidade, ou seja, a heterogeneidade linguística passa a ser estudada e analisada conforme defende a Sociolinguística, subcampo da Linguística que concebe novas possibilidades de investigação para o estudo do fenômeno das variações da língua. Segundo os estudos sociolinguísticos, desde os anos 60, mostram que a língua é composta por variedades que sustentam relações extremamente próximas aos aspectos socioculturais dos seus falantes, entendendo-a como marca de pertencimento a um dado grupo social, a uma determinada comunidade.

Podemos observar que o público estudantil se torna, a cada ano, mais heterogêneo, situação intensificada na década de 60 em função dos movimentos migratórios (BAGNO, 2007, p.30). Famílias, que moravam na zona rural, vieram a se mudar para a zona urbana em busca de melhor qualidade de vida, mudando, assim, o perfil homogêneo e elitizado das escolas. Esse ocorrido passou a exigir das instituições de ensino uma posição mais aberta e atenciosa ao tratamento das realidades e mudanças sociolinguísticas.

Partindo dessas considerações, este trabalho tem como objetivo analisar, com base na sociolinguística, dois livros de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Para isso, em termos específicos, pretende-se mostrar como o conceito de variação linguística é abordado nos livros; de que forma as variedades e o preconceito linguístico são apresentados e trabalhados como conteúdo; e, por fim, verificar quais assuntos estão interligados à reflexão das variações linguísticas. Para a investigação nos livros didáticos selecionados, adotamos também os critérios e padrões estabelecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e consideramos ainda as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Tais objetivos tiveram como suporte à seguinte problematização: o livro didático estudado aborda algum preconceito relacionado a língua?; que concepção de língua o livro veicula?; que tipo de variações linguísticas são apresentadas na obra?; os assuntos referentes as variações linguística surgem em um capítulo separado ou surgem ao longo do livro?; o livro valoriza da mesma forma a oralidade como valoriza a escrita?.

A escolha pela análise dos livros didáticos do Ensino Fundamental II situa a necessidade de um olhar mais aprofundado às questões relativas ao uso da língua. Sabemos que, nesse nível de escolarização, os conteúdos a serem trabalhados devem refletir questões relativas às múltiplas linguagens e aos conhecimentos linguísticos para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

Este estudo está organizado em quatro seções. Na primeira, falaremos sobre a questão da variação linguística no contexto escolar, como deve ser abordado este tema em sala de aula, seus conceitos, exemplos, incluindo menções do PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Na segunda seção, será feita uma breve exposição sobre a importância da presença do tema *diversidade linguística* no livro didático de língua portuguesa. Na terceira parte, descreveremos o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), delimitando a descrição para o livro de língua portuguesa. Por último, dissertaremos sobre a metodologia da pesquisa e a apresentação dos resultados.

## **1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Nosso sistema educacional vem caminhando com mudanças significativas no que diz respeito aos ensinamentos em língua materna. Apesar disso, podemos afirmar que o sistema educacional e todos os sistemas adjacentes a ele, como os livros didáticos, ainda não reconhecem e valorizam por inteiro a realidade heterogênea da língua que nos cerca, e, por tal motivo, foca, principalmente, no enraizamento da língua cultivada pela tradição gramatical. Dessa forma, trabalha-se apenas a norma considerada padrão como sendo a única alternativa correta, omitindo as demais variações, denominando-as como erradas ou desviadas do que é permitido na língua portuguesa.

A escola, sendo o principal local de difusão do ensino, não pode esquecer que a língua não é homogênea ou, mais precisamente, não é apenas gramática normativa. Segundo Irandé (2007.p.52) “a gramática, sozinha, é incapaz de preencher as necessidades interacionais de quem fala, escuta, lê ou escreve textos”. A escola deve levar o aluno a entender que a língua portuguesa se diversifica de acordo com muitos fatores; dentre eles, há o status social, o grau de instrução, o gênero, a região, o contexto formal ou informal. Ao admitir a natureza heterogênea da língua, professores, gestores, pedagogos e autores dos livros didáticos precisam promover reflexões linguísticas no contexto escolar para, assim, promover a

inclusão e o desenvolvimento das competências textuais e metalinguísticas dos alunos. Como Bortoni afirma:

A escola não pode ignorar as diferenças as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI, 2005, p. 15)

Temos de ter em mente, principalmente no meio educacional, que linguagem, sociedade e cultura devem ser abordadas de forma conjunta, já que nelas há uma forte interdependência. A língua materna do aluno, aquela adquirida na base familiar, deve ser respeitada e colocada como mais uma variedade ao lado da forma linguística a ser aprendida na escola. Sobre esse assunto, podemos citar os estudos de BORTONI (2004):

Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada do domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, como vimos, e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola. (BORTONI, 2004, p.37).

Dentro do cenário escolar, um dos fenômenos relacionado às variedades linguísticas, mais comum de ser observado e que deveria ser motivo de preocupação de todos os profissionais da educação, é o chamado preconceito linguístico. Segundo Bagno (1999) “o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários (BAGNO, 1999, 37)”. Esse preconceito gera altas críticas que prejudicam e ofendem os alunos tanto no modo como escrevem quanto na forma de fala, situação que pode afetar diretamente alguns discentes, tornando-os crianças ou jovens reclusos, com uma baixa participação nas aulas.

Bagno (1999), quando introduz os livros didáticos em seus estudos, afirmando que o preconceito linguístico parte de um círculo vicioso:

Esse círculo vicioso se forma pela união de três elementos que, sem desrespeitar meus amigos teólogos, costumo denominar “Santíssima Trindade” do preconceito linguístico. Esses três elementos são a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. (BAGNO, 1999, p. 68).

Assim, podemos afirmar que, nesse círculo, temos a gramática normativa tradicional como uma lei superior a todas as outras formas de linguagem, que rege nossa língua portuguesa e que direciona a prática docente nas escolas; ocasionando, dessa forma, uma

pressão no mercado editorial dos livros didáticos para que haja uma maior aceitação do mercado, pois livro bom é aquele que ensina a língua correta, culta. Os autores se fecham nesse círculo vicioso e acabam, mesmo quando afirmam o contrário, utilizando a gramática normativa como fonte unânime de teorias e concepções.

Nas aulas de língua portuguesa, o ensino é focado na gramática normativa com base nas regras de padronização, sendo ensinadas de formas descontextualizadas do uso pessoal do aluno, desassociadas de seu funcionamento. Podemos observar essas situações pelas atividades de produção textual, que priorizam a escrita, deixando de lado a oralidade e as diversidades linguísticas. Isso nos leva a concluir que há um grande conservadorismo que despreza as contribuições vindas dos estudos linguísticos, principalmente, dos realizados a partir da segunda metade do século XX.

Podemos ver, pela concepção de Bagno (1999), uma desconstrução da visão sobre a língua “certa”: gramática normativa não é sinônimo de língua correta, o autor diz “uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo [...] Também a gramática não é a língua.” (BAGNO, 1999, p. 9). Segundo o autor ainda podemos afirmar sobre a concepção de língua que

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola - gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 1999, p.38)

O cenário escolar é, sem dúvida, heterogêneo em relação aos seus falantes e, por isso, não deve abordar apenas um modelo de variação. É preciso considerar que a língua varia e muda no decorrer dos tempos e nos espaços sociais e físicos. As variedades linguísticas, ao serem trabalhadas na escola, devem ser vistas a partir dos eixos diastráticos, diafásicos e diatópicos.

As variações diastráticas são as diferenças sociais, resultantes das estratificações dos diversos grupos sociais. Para um estudo diastrático, são considerados alguns fatores, como a classe social, a idade, o gênero, a etnia, dentre outros. As variações diafásicas estão relacionadas ao contexto comunicativo, ou seja, se o falante usa com seu interlocutor uma linguagem mais ou menos formal/informal. E as variações diatópicas são aquelas percebidas em decorrência das diferenças regionais, de acordo com a origem dos falantes.

Com o surgimento dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa – PCN, tivemos grandes avanços relacionados à introdução da variação linguística na sala de aula e nos livros didáticos, como podemos observar:

No ensino aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas [...]. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCN. 1998, P. 31)

O PCN se tornou um documento de grande importância, é a matriz que orienta as inovações de ensino e aprendizagem em língua materna. Por estar em conformidade com os estudos sociolinguísticos, reforça a relevância, em sala de aula, dos temas de variações linguísticas, com o intuito de proporcionar ao professor e aos alunos algumas reflexões a respeito do funcionamento da língua, como a proposta de se trabalhar a adequação linguística nas diferentes esferas sociocomunicativas, instrumentalizando e guiando os recursos e meios de ensino, dentre eles, o livro didático.

Com base nos pressupostos da relação entre língua e sociedade, o PCN propõe uma atitude crítica dos alunos perante a ideia da homogeneidade da língua portuguesa. Menciona o fato de não existir variedades linguísticas fixas, já que, em uma mesma comunidade de fala, encontramos variedades coexistindo como reflexo da variabilidade social:

[...] quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais (PCN, 1998, p. 29).

Dessa forma, o ensino eficiente e inovador da língua requer uma mudança de postura de diversos lados, tanto o das escolas, dos profissionais de ensino, quanto das editoras dos livros didáticos. É necessário se libertar de muitos mitos que percorrem as práticas educacionais em relação à língua portuguesa.

Diante destas afirmações, torna-se necessário entendermos que, na escola, as suas aulas de língua materna devem partir do entendimento de que a língua é um fator social, produto de seus falantes, herança cultural. Um saber de todos que surge da interação e das



práticas socioculturais entre os indivíduos. Portanto, a base para essa construção pedagógica, deve ser pautada nos parâmetros da sociolinguística que analisa a língua em uso, em contextos reais de enunciação.

O livro didático, objeto desta pesquisa, por ser um instrumento de grande utilização pelo professor, deve também refletir essa prática funcional e diversa da língua, possibilitando ao professor um trabalho significativo com a inclusão social, que também perpassa pela linguagem.

Reconhecer as diferenças, sejam sociais, linguísticas ou culturais, no contexto escolar, é permitir a valorização e o respeito ao outro, é trabalhar a diversidade como forma de constituição da sociedade, da cidadania.

Que ela (a escola) ao contrário, saiba desenvolver a capacidade do aluno para acolher as diferenças, com máximo respeito por aqueles que as apresentam, sem o sentimento de que estão fazendo concessões ou sendo compassivos com os diferentes. Simplesmente, porque a diferença é a parte mais significativa daquilo que nos faz iguais (BORTONI, 2007, p. 109).

## **2. O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO DA DIVERSIDADE**

Sabemos que os livros didáticos, apesar de toda introdução das tecnologias na sala de aula, ainda continuam sendo o material mais utilizado pelos professores, orientando, na maioria das vezes, suas práticas pedagógicas. De acordo com Ota (2009),

A presença massiva do LD (livro didático) na escola vem revelá-lo detentor de um discurso de autoridade por duas razões: primeira, em virtude de ser, muitas vezes, o único recurso didático e de informação na escola, acaba adquirindo estabilização e legitimidade ao definir abordagens, propor e sistematizar conteúdos, mesmo que essa seleção de conteúdos esteja atrelada às instâncias superiores de educação. (OTA, 2009, p, 215).

Apesar de existir uma iniciativa para o ensino contextualizado a favor da heterogeneidade, os livros didáticos, em sua maior parte, não auxiliam de forma significativa esse caminho. São muito raros os que expõem um trabalho, mais completo, sobre a variação linguística e, quando isso ocorre, este trabalho é realizado com as variantes estigmatizadas ou censuradas na sociedade, como se as variações ocorressem somente em classes mais baixas, com menos oportunidades de acesso à educação. Isso fortalece um outro mito: só existe

variação linguística em pessoas com baixa escolaridade. A variação está presente em qualquer pessoa e em qualquer classe social.

Com isso, a variação linguística acaba sendo deixada de lado por muitos professores da língua portuguesa, o que acaba sendo refletido também nos livros didáticos. Embora possamos perceber um crescente e considerável aumento de estudiosos brasileiros na área das pesquisas sociolinguísticas, como Bortoni - Ricardo, Marcos Bagno, Marcushi, dentre outros esses conhecimentos ainda não foram incorporados efetivamente às aulas de língua materna, simplesmente porque é visto como assunto de segundo plano, restrito a poucas aulas.

Os livros didáticos, muitas vezes considerado um material de “elite” na língua portuguesa, ainda são fundamentados numa abordagem de predomínio estruturalista. As línguas e seus dialetos são vistas como uma estrutura única e fixa, sem nenhuma abordagem ou tratamento às situações reais da língua/ fala, pois se discute apenas a língua enquanto sistema escrito, deixando, assim, a fala num lugar inferior à escrita. Esses livros didáticos, portanto, aparecem formulados a um uso, ou seja, “a arte do falar e escrever bem”. Na opinião de Marcushi (2005)

Assim, entre muitas outras coisas, a abordagem da fala permite entrar em questões geralmente evitadas no estudo da língua, tais como as de *variação e mudança*, dois pontos de extrema relevância raramente vistos. Noções como “norma”, “padrão”, “dialeto”, “variante”, “sotaque”, “registro”, “estilo”, “gíria” podem tornar-se centrais no ensino de língua e ajudar a formar a consciência de que a língua não é homogênea nem monolítica. (MARCUSHI, 2005, p. 24)

Assumimos o pensamento de que os livros didáticos, independente da série, têm como obrigação dar oportunidade de forma igualitária a uma instrução que desenvolva a consciência comunicativa dos alunos, levando-os a perceber que, dependendo do contexto enunciativo, empregamos linguagens distintas. Esse desenvolvimento comunicativo, necessariamente, passa pelo reconhecimento das variações linguísticas. Por isso, Bortoni (2005) alerta para o fato de que

No Brasil, ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade linguística no processo educacional. A ciência linguística vem, timidamente, apontando estratégias que visam aumentar a produtividade da educação e preservar os direitos do educando. (BORTONI, 2005, p.19)

Quando percebemos que língua é puramente diversificada por ordem de fatores geográficos e sociais e que isso é assunto a ser trabalhado no contexto escolar, conforme o

PCN, notamos que alguns livros ignoram essa diversidade e acabam não trabalhando os fenômenos linguísticos em sua totalidade. Sobre isso Bagno (1999) afirma:

[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 1999, p.16).

De acordo com Bagno (2007), os livros didáticos de língua portuguesa passaram por diversas modificações ao longo dos tempos. Principalmente com a instituição do programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 1996, “por meio do qual o Ministério da Educação avalia, compra e distribui obras destinadas ao ensino das diferentes disciplinas que compõem o currículo do ensino fundamental” (BAGNO, 2007, p.119). Com essa realidade, estudiosos da área na metodologia de avaliação dos livros didáticos se especializaram, proporcionando, no caso dos livros de língua portuguesa, uma esperança para a seleção de obras que apresentassem seus fundamentos uma discussão de política linguística.

Mesmo que as presenças das variedades linguísticas nos livros didáticos já tenham avançado de forma significativa, muitas vezes, apresenta certos limites. Dessa forma, podemos perceber que, apesar do esforço de alguns autores de livros didáticos no embate contra o preconceito linguístico e na valorização e reconhecimento da multiplicidade linguística presente no português brasileiro, surgem alguns problemas nesse processo de construção. Dentre eles, destacamos a ausência de um suporte mais teórico ao professor capaz de ampará-lo em relação ao uso de termos e conceitos sociolinguísticos adotados pelos livros. Além disso, podemos perceber algumas limitações que inibem a efetivação da variação linguística nos livros didáticos, pois muitas dessas questões são usadas como sinônimas de variedades rurais ou regionais, falas de pessoas sem nenhuma ou baixa escolarização. Isso não retrata a dinâmica da diversidade social da língua, que deve envolver todos e não apenas uma parcela da sociedade.

Aprofundar-se esse caminho de reflexão e crítica aos livros didáticos requer uma retomada contínua de avaliação e revisão. Quanto ao tratamento das variações linguísticas, torna-se preocupante saber que, apesar do avanço nesse estudo, isso não é suficiente para uma “igualdade linguística” entre as variedades, no sentido de que não existe fala pior ou melhor, rica ou pobre, discutida na desconstrução do preconceito linguístico.

Num contexto escolar interacionista, o professor coloca a seu favor os conhecimentos linguísticos já adquiridos pelos alunos ao longo da vida e ao mesmo tempo ensina sobre questões da norma padrão, seguindo uma prática de ensino de múltiplas competências de uso da língua. Esse professor conseguirá abranger a língua portuguesa de forma ampla, apresentando, desse modo, múltiplas linguagens e diferentes circunstâncias de produção linguística. O livro didático, nesse cenário, deve se apresentar como um recurso importante em relação ao ensino democrático da língua, porque é um dos materiais mais utilizados pelo professor e deve, por isso, acompanhar essa multiplicidade, sem concepções de preconceito. Acerca dessa realidade, Marcushi (2005) diz que

Em tudo isto, um dos desafios centrais para os LDP no século XXI será como lidar com a variação linguística. Já sabemos como lidar com a regra, mas não temos uma noção muito clara do que seja lidar com a variação intercultural, interpessoal e assim por diante. A variação intriga e instaura diferenças que, quando não bem entendidas, podem gerar discriminação e preconceitos (MARCUSHI, 2005, p. 32).

Dessa forma para ser julgado como um bom livro didático ou adequado ao ensino da língua portuguesa, esse material deve apresentar uma abordagem da variação linguística no que se refere, de benéfico e não pejorativo, à pluralidade das línguas. Deve exceder o tratamento das variações linguísticas, deixando de limitá-las apenas como questões rurais ou regionais, assim como não deve propor um destaque maior para as variedades consideradas privilegiadas, buscando diferenciar e não se delimitar à apresentação da variação apenas como diferenças entre sotaques ou léxico. A diversidade fonético-fonológica, morfossintática, semântica e estilística da língua também deve ser vista como fenômenos gramaticais, de uma perspectiva baseada no uso, produto das interações sociais. O livro deve ainda alertar aos alunos acerca da concepção errônea de “certo” ou “errado” na língua, pois a questão do uso vai para além disso, devendo refletir o que pode estar adequado ou não a determinada prática sociocomunicativa. Deve apresentar a norma padrão, presente na gramática normativa, como mais uma possibilidade da língua dentre as inúmeras realizadas pelos falantes. Deve também apresentar a diferença língua oral e língua escrita.

Por fim, diante desses vários aspectos que cercam o livro didático, faz-se indispensável a atividade da crítica reflexiva a muitas práticas pedagógicas que não levam em consideração as multiplicidades da língua. A atenção ao uso certo dos recursos didáticos, como os livros, para um desenvolvimento mais apropriado do aluno nas variadas manifestações linguísticas ocorridas, na sala de aula e fora dela, sempre será de extrema

importância ao ensino da língua portuguesa, proporcionando um significativo avanço para a desconstrução do preconceito linguístico. Embora constatemos um avanço positivo a essas diversidades, o resultado ainda não é totalmente satisfatório, como afirma Bagno (2007):

A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança. (BAGNO, 2007, p. 119).

Refletir sobre esses aspectos da variação linguística torna-se importante na medida em que podemos perceber que o livro é um recurso preciso e importante para o professor, mas não deve ser a única fonte de orientação para as suas aulas. É preciso reconhecer que toda obra, por mais completa seja avaliada, apresenta problemas, releva espaços em suas unidades não preenchidos, cabendo, portanto, ao docente preenchê-las e, se for o caso, modificá-las. Isso ficou muito evidente quando atentamos nosso olhar para a questão da diversidade linguística nos livros didáticos adotados pelas escolas públicas de Manaus.

### **3. O PLANO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) consiste em um programa desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) para a avaliação e distribuição de livros a alunos da rede pública de ensino nos âmbitos municipal, estadual e federal. De acordo com o site do MEC:

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.

O PNLD foi criado em 1985 para que fosse estabelecido e mantido um padrão de qualidade na educação brasileira da época. No início dos anos 90, o MEC passou a colaborar mais minuciosamente nos debates sobre o livro didático. Dessa forma, esse material de circulação nas escolas começou a ser avaliado com um pouco mais de cuidado. No entanto, somente em 1993, o livro didático passou a ser visto de modo mais metuculoso em relação a sua qualidade e controle; isso porque o MEC iniciou um processo de filtragem para selecionar

especialistas capacitados a avaliar as coleções dos livros didáticos que seriam mais utilizadas nas escolas, determinando, assim, os critérios de avaliações desses livros.

A aquisição dos livros, a partir de 1996, passou a necessitar de uma aprovação prévia do PNLD, ou seja, todo material deveria passar por uma avaliação oficial requisitada pelo MEC. O livro didático de língua portuguesa, desde essa data, começou a atrair mais a atenção de pesquisadores e educadores, que se concentraram na análise de como estava sendo constituído e produzido. Com isso, o MEC passou a orientar a avaliação dos livros didáticos em conformidade com o Guia de Livros Didáticos, produzido por esses especialistas.

Em relação a esse guia, uma comissão de educadores comprometidos nas questões da língua portuguesa, apresentam resenhas sobre a obra selecionada pelo PNLD e organizam algumas análises e reflexões em relação ao conteúdo e estrutura das obras para a prática efetiva na sala de aula.

O guia é um componente fundamental na constituição do PNLD e possui algumas finalidades básicas. Dentre elas, está a de orientar os docentes da Educação Básica para uma melhor escolha durante o processo seletivo dos livros que serão utilizados nas escolas, para um processo de suas atividades didáticas nas salas de aula de acordo com o PPP – Projeto Político Pedagógico da escola. Além disso, facilita e promove uma discussão sobre esse importante mediador de conhecimento, muito utilizado no contexto escolar. Os livros didáticos que chegam à escola para análise do professor são aqueles que já foram avaliados pelo PNLD e correspondem a todos os critérios adotados pelo programa. Para entendermos como os especialistas avaliam os livros, apresentamos, na tabela abaixo, uma síntese dos critérios de avaliação para aquisição e distribuição dos livros nas escolas do Brasil:

<b>Crítérios avaliativos do PNLD 2014/2017</b>	
<b>Gerais</b>	<b>Específicos</b>
Desenvolver as capacidades de leitura e escrita requeridas por novos níveis e tipos de letramento	Ter representatividade da heterogeneidade própria da cultura da escrita – inclusive as variedades sociais e regionais.
Excluir coleções que veiculem estereótipos e preconceitos de linguagens	O domínio das normas urbanas de prestígio, especialmente em sua modalidade escrita, mas também nas situações orais públicas em que seu uso é socialmente requerido
Proporcionar tanto uma reflexão sistemática quanto a construção progressiva de conhecimentos sobre a língua e a linguagem	Valorizar e efetivamente trabalhar a variação e a heterogeneidade linguísticas, situando nesse contexto sociolinguístico o ensino das normas urbanas de prestígio;
Ampliar a capacidade de reflexão sobre as propriedades e o funcionamento da língua e da linguagem;	Abordar os diferentes tipos de conhecimentos linguísticos em situações de uso, articulando os com a leitura, a produção de textos e o exercício da linguagem oral;
Desenvolver a compreensão da variação linguística no convívio democrático com a diversidade dialetal.	Considerar e respeitar as variedades regionais e sociais da língua, promovendo o estudo das normas urbanas de prestígio nesse contexto sociolinguístico;

De acordo com os dados gerais, observamos que a obra que chega à escola atendeu aos critérios de não veicular estereótipos e preconceitos de linguagem, bem como atingiu o objetivo de trabalhar a variação linguística, como forma de promover o convívio democrático. É pautada nessas considerações que procuramos analisar dois livros didáticos de língua portuguesa que foram selecionados pelo PNLD e estão em uso em escolas públicas da cidade.

#### **4. SELEÇÃO DAS OBRAS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE**

O motivo de escolher o livro didático como objeto de análise da pesquisa se deve em razões que foram apresentadas ao longo do trabalho, principalmente, o de caracterizar como um dos principais instrumentos de ensino, que desempenha uma influência na prática docente, chegando ao ponto de determinar o “que ensinar” e “como ensinar”, já que muitos professores levam todos os conteúdos e metodologias dos livros didáticos como lei.

Concordamos que esse tipo de livro é um recurso de grande importância e valor às práticas educativas e, por isso, deve sempre ser objeto de estudo e investigação para que possa ser aprimorado, ou melhor, utilizado para atender às realidades das salas de aula de ensino de língua materna.

De forma inicial, escolhemos o 6º ano do Ensino fundamental como série a ser analisada. Esse ano foi escolhido devido à compreensão de que o aluno estando no início do Fundamental II já reflete sobre a diversidade da língua, tendo uma consciência gramatical em processo de desenvolvimento, capaz de perceber as diferenças entre o oral e o escrito, entre as modalidades formal e informal da linguagem. Os alunos, nessa etapa, necessitam de um conhecimento mais amplo sobre a natureza da língua portuguesa, estando em pleno desenvolvimento a sua competência comunicativa.

Quanto à seleção dos livros didáticos, utilizamos como requisito a aprovação do material no PNLD, nos anos de 2014 e 2017 respectivamente, em escolas públicas.

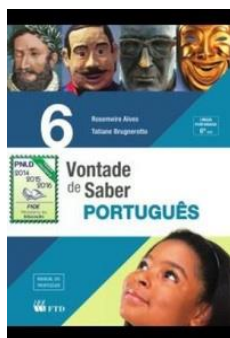
Cada livro foi analisado de forma individual, com o recurso de recortes de trechos da obra, para uma maior visualização das questões analíticas adotadas, com foco, principalmente, nos capítulos que abordam as variações linguísticas. Mas também analisamos se há as ocorrências delas ao longo do livro ou se, no caso, deixam as variações como algo restrito a algumas páginas. Procuramos ainda entender como os conceitos e os exercícios são aplicados e

se há a reflexão sobre do preconceito linguístico nessas obras. Tivemos o cuidado também de fazer uma descrição das características gerais de cada um dos livros no que se refere a sua organização e estrutura, para que se possa ter uma visão mais geral do material analisado.

De forma mais específica, investigamos as concepções de língua que estão presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa e, principalmente, a forma como essas concepções demonstram aspectos sobre o preconceito linguístico e sobre a noção do “certo” e “errado”, da mudança e das variações linguísticas.

#### 4.1 DESCRICÕES DOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

O primeiro livro analisado *Vontade de saber português*, de Rosimeire Alves Tavares e Tatiane Brugnerotto Conselvan, foi avaliado e aprovado no PNLD 2014. Foi destinado aos alunos de ensino fundamental II nos anos de 2014, 2015 e 2016 da rede pública. O livro foi lançado pela editora FDT e pode ser facilmente encontrado no Guia de Livros Didáticos do PNLD por meio do código (27494COLO1). Além do volume do 6º ano, que será analisado, a coleção é completa e abrange o 7º, 8º e 9º anos.



Vontade de saber português  
Rosemeire Alves  
Tatiane Brugnerotto  
Editora FTD- 1º edição – 2012

O volume para o 6º ano possui 256 páginas e está dividido em seis unidades, cada uma com dois capítulos responsáveis por alguns gêneros textuais; dentre eles o conto, fábula, reportagem, etc. Quanto às variações linguísticas, tema desta pesquisa, observamos que esta surge logo nas primeiras páginas, fato que abordaremos mais adiante.

O segundo livro a ser analisado é o *Português Linguagens*, de William Cereja e Tereza Cochar. Foi aprovado pelo PNLD no ano de 2017, destinado também ao público do ensino



fundamental II nos anos de 2017, 2018 e 2019, ou seja, ainda está em circulação na rede pública de Manaus, podendo ser encontrado no Guia de Livros Didáticos pelo código (0055P17012).



Português – Linguagens  
Thereza Cochar  
William Cereja  
Editora Saraiva- 9ª edição – 2015

As seções do livro dividem-se em grandes tópicos chamados “Leitura 1” e “Leitura 2”. Na Leitura 1, encontramos seções menores, como o *Estudo do texto*, que se subdivide em *Ampliando a linguagem e Produção escrita*. A primeira seção traz informações complementares e exercícios sobre o texto abordado no início do capítulo e a segunda seção orienta o aluno sobre as etapas de elaboração trabalhado no capítulo, levando o aluno a produzi-lo. No tópico Leitura 2, além das já citadas acima, há a seção *Produção oral*, na qual o aluno irá exercitar as questões sobre gêneros orais e, logo após, produzir algo, como por exemplo uma peça teatral. Há também, nesse tópico, a seção *A língua em estudo*, que aborda temas gramaticais. É nesta parte que encontramos a temática das variações linguísticas.

O volume analisado do 6º ano possui 272 páginas, dividido em quatro unidades temáticas, cada unidade com três capítulos, totalizando 12 capítulos. As unidades são constituídas por textos de gêneros variados e assuntos atuais e pertinentes ao público indicado. O seu método de ensino tem foco nos eixos de leitura, produção de textos escritos, oralidade e conhecimentos linguísticos.

Neste livro, as divisões das seções encontram-se em quatro grandes tópicos, a saber: *Estudo do texto*, voltado para a leitura e compreensão dos textos presentes no livro; *Produção de texto* abrange o eixo das produções que envolvem tanto a modalidade escrita quanto oral; *A língua em foco* é responsável pelos ensinamentos linguísticos; nesta seção, são abordadas as variações linguísticas. E, por último, há a seção *Divirta-se*, responsável por atividades lúdicas para estimular o raciocínio do aluno.

## 4.2 ANALISANDO OS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

### 4.2.1 Livro: *Vontade de saber português*, de Rosimeire Alves e Tatiane Brugnerotto

As variações linguísticas, no livro analisado, surgem logo no início do primeiro capítulo, após abordar temas como as situações comunicativas de formalidade e informalidade da língua, linguagem verbal e não verbal. Isso prepara o aluno para adentrar o assunto da língua e suas variações que está, no mesmo capítulo, na seção *A língua em estudo*.

O primeiro contato com o tema surge por meio de uma tirinha, um dos gêneros mais utilizados quando falamos sobre variedades linguísticas. O PNLD de 2014 cita como um dos critérios para o uso de imagens o seguinte: “quanto às ilustrações, devem: reproduzir adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país”. (PNLD, 2014, p.12)

A tirinha em questão é da Turma do Xaxado e pertence ao cartunista baiano Antônio Luiz Ramos Cedraz. Vejamos:



Fonte: Extraído de Alves e Brugnerotto ( 2012, p. 27)

A partir da tirinha, somos apresentados aos dois personagens que, apesar de falarem a mesma língua, a língua portuguesa, possuem suas variedades linguísticas próprias. Podemos perceber que o personagem Zé Pequeno é de origem rural e descrito por seu criador como um menino preguiçoso que não gosta de frequentar a escola. E temos a jornalista, apresentada como a figura escolarizada e possuidora das normas de prestígio. O primeiro contado dos alunos é com as variações regionais/rurais, sobre isso Bagno (2007) atenta

Um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimos de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e

escolarizados usam a língua de um modo mais “correto”, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação (BAGNO, 2007, p.126).

A linguagem utilizada por Zé Pequeno é descrita como aquela forma de fala do cotidiano, em situações informais e com pessoas com quem o locutor possui certa intimidade ou afinidade. A repórter, por sua vez, é retrata como possuidora das normas urbanas de prestígio, utilizada em jornais, revistas, artigos científicos, ou seja, utilizadas em situações em que há a necessidade de uma comunicação mais formal.

O humor da tirinha vem das diferentes concepções do termo “rede”, conforme o contexto sociocultural dos personagens envolvidos. Por esse motivo, vemos a importância de levar o aluno a pensar sobre esses aspectos socioculturais dos falantes, isso porque a jornalista, sendo da zona urbana, possui em mente a concepção da palavra “rede” como sinônimo de conexão via internet; enquanto Zé Pequeno, morador da zona rural, pensou que seria a rede utilizada como objeto para dormir ou a rede usada por pescadores. Porém, as explicações encontradas no livro ficam vagas no que se relaciona às variedades linguísticas, pois se restringe apenas a explicar que as normas urbanas de prestígio são usadas em situações formais de comunicação, das quais não temos intimidade com o outro, enquanto as formas de variedade menos formais são utilizadas no dia a dia.

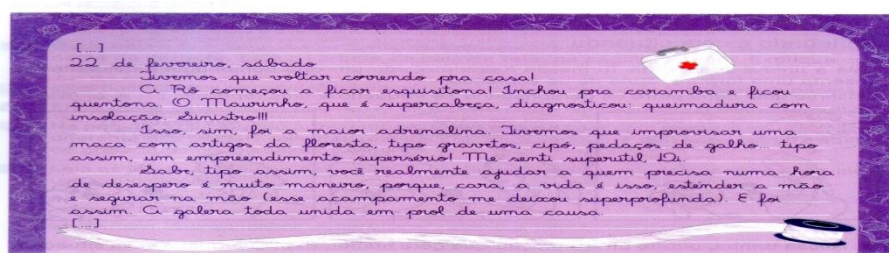
Esse tipo de simplificação de conceitos pode vir a confundir o aluno. Isso porque, supondo que Zé Pequeno e a repórter nunca tivessem tido alguma conversa antes, poderia levar o aluno a pensar que esse personagem deveria optar pelas variantes de prestígio, o que não ocorre. Além desse fato, por se tratar de uma entrevista, situação de interação tida como formal, a escolha estilística da linguagem estaria baseada nas variantes de prestígio, se levarmos em consideração a própria explicação do livro sobre essa relação entre os estilos de fala. Podemos, então, dizer que o livro simplifica as questões de variações como sendo apenas relacionadas ao grau de formalidade ou informalidade da situação de comunicação, não foca nos aspectos dos contextos sociais e históricos dos personagens apresentados em suas falas.

Podemos observar também que esse tipo de explicação vem subsidiada por um certo preconceito, pois o formato explicativo da obra pode levar o aluno a entender que somente as pessoas da zona urbana usam as variantes de prestígio e que somente eles são capazes de adequar a sua linguagem. Além disso, pode levar os leitores a acreditar que os moradores do interior do país apresentam uma linguagem sempre inferior a das pessoas de alta escolaridade,

como a jornalista, e de origem urbana. A tirinha não reflete de forma satisfatória a complexidade da diversidade linguística.

Vemos, assim, que o contexto da tirinha não contextualiza de forma mais concreta relação entre língua e fator social. Em relação às atividades desse tópico, não encontramos um exercício de reflexão que pudessem ser trabalhadas com os alunos questões de variedades linguísticas, com fatores de escolaridade, gênero, profissão, dentre outros. Apenas atividades de reescrita. Segundo Dionísio (2005, p82) “reescrever parece ser o tipo de atividade mais solicitada quando o assunto é variação linguística ou apenas quanto o texto empregado traz ocorrências de variação”. A conclusão a que se chega é que a fala do morador, por ser errada e não corresponder à norma padrão, deve ser corrigida e, por isso, reescritura da fala desse personagem. Entendemos, assim, que, embora trate como variação da língua, a situação comunicativa da tirinha serve apenas para mostrar o que é norma de prestígio.

A questão da diversidade da língua é vista também no tema “Gírias”, introduzida por meio do gênero textual carta, escrita por uma adolescente. As autoras enfatizam apenas aspectos lexicais, para assim caracterizar a linguagem falada por um grupo social dos mais jovens. Esse aspecto de apresentação da linguagem dos mais jovens torna-se importante porque podemos ver uma atitude das autoras em tentar chegar mais próximo do linguajar do seu principal público, para chamar a atenção para o assunto abordado. O PCN chega a enquadrar as gírias como “ampliação do repertório lexical pelo ensino-aprendizagem de novas palavras, de modo a permitir: emprego de palavras limitadas a certas condições histórico-sociais” (PCN, 1998, p. 62/63).



[...]  
22 de fevereiro, sábado  
Jivemos que voltar correndo pra casa!  
C. Tá começando a ficar exaustiva! Inchei pra caramba e ficou quente. O Mlawinho, que é supercabeça, diagnosticou: quemadoura com umedecação. Simétrico!!!  
Isso, sim, foi a maior adrenalina. Jivemos que impressionar uma maca com artigos da floresta, tipo gravetos, cipó, pedaços de galho... tipo assim, um empreendimento superavulso! TTe senti superútil. D.  
E aí, tipo assim, você realmente ajudou a quem precisa numa hora de desespero e muito maneiro, porque, cara, a vida é isso, entender a mão e segurar na mão (esse acampamento me deixou superprofunda). E foi assim. A galera toda unida em prol de uma causa.  
[...]

1. Possível resposta: que a situação de ter de ajudar uma amiga que não estava bem de saúde fez com que ela percebesse a importância da solidariedade e o quanto é bom poder ajudar a quem precisa. Heloisa Perissé. *O diário de Tati*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

1 Tati narra um problema sério que ela e alguns amigos tiveram em um acampamento, que acabou mobilizando a todos para ajudar a solucioná-lo. Ela disse também que a situação toda a “deixou superprofunda”. Para você, o que ela quis dizer com essa afirmação?

2 A linguagem de Tati é marcada por palavras e expressões que são constantemente utilizadas por adolescentes, em situações informais de comunicação. Transcreva do texto essas expressões. *Pra caramba, supercabeça, simétrico, cara, tipo assim, maneiro, galera.*

3 Quando está conversando com seu grupo de amigos, você costuma empregar expressões como as empregadas por Tati? Escreva algumas e comente o significado delas com os colegas. *Peçoal.*

Fonte: Extraído de Alves e Brugnerotto (2012, p. 28)

Em um terceiro momento, as autoras apresentam um trecho do poema de Catulo da Paixão Cearense, de Braz Macacão. Texto com uma riqueza de variedades regionais Nordeste.



Apois sim: se o seu doutô,  
nhô môço e seu cápitão,  
nhá dôna e seu coroné  
e mais o patrão quizé  
a minha históra iscutá,  
não faço questã... E, intê,  
posso agora cumeçá.

Digo a mêcê, dênde já,  
que eu levei a vida intêra  
pulos sertão, a viajá.  
Os sertão lá do Ciará,  
de Pernambuco e Baía,  
Paraíba e Maranhão,  
cunhêço, cumo cunhêço  
os dêdo aqui desta mão.  
Mas porêem sou naturá  
doutras terra, meu patrão.  
Num rancho todo cercado  
dum rocadão de mandiôca,  
dum grande mandiocá,  
eu nací im trinta e nove,  
na serra de Ibitipóca,  
que é lá prás Mina Gerá.  
[...]

Catullo da Paixão Cearense. Braz Macacão. In: Guimarães Martins (Org.). *Luar do Sertão e outros poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.], p. 143.

Fonte: Extraído de Alves e Brugnerotto (2012, p. 29)

Ao fazermos uma observação direta aos exercícios desse texto, percebemos um abandono das questões das variedades linguísticas e um grande destaque aos aspectos que marcam o gênero poema, como as rimas, estrofes e versos. De certa forma chega a ser um desmerecimento das variedades, o que nos levar a supor que questões literárias têm um certo predomínio à reflexão linguística.

Apenas uma questão se referia às variedades, porém esta apenas orienta os alunos para a identificação e transcrição (reescrita) de palavras como *douto*, *nhô*, *coroné*, *intêra*. Dessa forma, podemos perceber que o foco central está apenas no nível lexical, mas não para se trabalhar a diversidade lexical dos termos e sim para mostrar que são vocábulos escritos e pronunciados de modo diferente do padrão e, por tal motivo, devem ser corrigidos. Nesse aspecto, alertamos para esse tipo de abordagem superficial, conforme nos orienta Bagno (2007): “É muito frequente, nos materiais didáticos, a abordagem da variação linguística se limita a fenômenos que poderíamos chamar de superficiais: o sotaque e o léxico” (p. 132).

1. Expressões como **nhô mōço** e **nhá dôna** levam o leitor a imaginar o eu lírico como uma pessoa simples, com pouca escolaridade. Comente com os alunos que o eu lírico não é o autor do poema. Assim, o poeta pode escolher um sujeito para seu poema e dar-lhe as características que preferir.
- 1 Nesse poema, o eu lírico (a voz que fala no poema) emprega palavras e expressões que levam o leitor a construir a sua imagem. Com base nessa constatação, como você imagina que seja o eu lírico desse poema?
  - 2 O trecho do poema está organizado em dois blocos, chamados de **estrofes**. Cada uma das linhas de uma estrofe recebe o nome de **verso**. Leia novamente o poema em voz alta e observe que, no final de alguns versos, há palavras que apresentam semelhança de sons, isto é, que rimam entre si. Essas palavras dão ritmo e sonoridade ao poema. Identifique na primeira estrofe quais são as rimas.  
*Coroné, quizé, inté; iscutá, cumeçá.*
  - 3 No poema, o eu lírico se propõe a contar sua própria história para o leitor. Qual história está sendo narrada?  
*O início de sua trajetória pelo Sertão Nordestino.*
  - 4 Transcreva do poema exemplos de variedade regional.  
*Possíveis respostas: apois, doutô, nhô, cumeçá, mêcê, dênde, intêra, pulos, viajá, Ciará, cunhêço, cumo, dêdo, naturá, mandiocá, naci, im, prás, Mina Gerá.*
  - 5 A linguagem empregada no poema é típica de algumas regiões do Brasil. Quais? Essa linguagem caracteriza a fala utilizada em algumas regiões do Sertão Nordestino e do interior do país. Se necessário, auxilie os alunos nessa conclusão.

29

Fonte: Extraído de Alves e Brugnerotto (2012, p. 29)

Bagno (2007), no entanto, admite a importância de tratar os fenômenos das variedades linguísticas na área lexical e fonológica, pois “o preconceito linguístico entra em ação imediatamente quando alguém abre a boca para falar e exhibe pronúncias e palavras características de uma região ou classe social desprestigiada” (BAGNO, 2007, pg.132). O autor também constata certa carência nos conteúdos dos livros em se tratando de outros tipos de variedades “um nível de variedade que em geral é pouco abordado: a variação morfossintática, ou seja, os usos diferenciados que cada grupo social faz dos recursos gramaticais da língua” (BAGNO, 2007, pg.132).

Apesar da variação diastrática ser a mais mencionada no livro, percebe-se uma lacuna nesses estudos. Embora a obra, no manual do professor, diga que trabalha, no âmbito da variação linguística, com fatores social, como a escolaridade, o sexo, o status socioeconômico, a faixa etária, etc., não vemos textos, atividades ou exemplos que possibilitem ao aluno refletir sobre os fenômenos da língua ligados a esses fatores.

Pela leitura do PNLD de 2014, ano da aprovação da obra, essas ideias se confirmam. Este documento deixa de forma evidente as lacunas referentes ao tema das variações linguísticas, mencionando como pontos fracos a seguinte característica “abordagem superficial e reduzida da variação linguística” (PNLD, 2014, p.116). Apesar disso, a coleção foi aprovada e distribuída nas escolas, o que nos faz pensar em uma maior necessidade de atenção no processo de aquisição das obras de língua portuguesa.

#### 4.2.2 Português Linguagens, William Cereja e Thereza Cochar

Neste livro, o tema das variações linguísticas se inicia no segundo capítulo da primeira unidade, como uma introdução aos temas de linguagens. Surge em um tópico denominado “A língua em foco”. Novamente, fomos iniciados ao assunto por meio das tirinhas, um dos recursos, conforme falado anteriormente, mais recorrente para retratar o tema. O livro traz uma tira de Fernando Gonsales. Vejamos:



Fonte: Extraído de Cereja e Cochar (2015, pg. 39)

Somos apresentados a três personagens: a mulher, o papagaio e o vendedor. Estes se encontram em uma situação de devolução de mercadoria, ou seja, devolução do papagaio. Essa situação ocorre pelo fato de o papagaio falar de uma maneira diferente das normas prestigiadas da língua portuguesa, igualmente ao seu vendedor.

E, nisso, o humor da tira é construído: pelas diferenças de usos da língua portuguesa. O papagaio fala às palavras que ocasionam desconforto pela pronúncia vista como “errada”; a ave usa uma variedade não padrão, com uma troca evidente do “l” pelo “r”, que caracteriza o falar caipira. Sobre a frase “Nossa, ele fala tudo errado” e a concepção do que seria considerado uma língua “correta”, Irandé (2007) afirma

A norma culta, na compreensão tradicionalmente veiculada pela escola, corresponde àquele falar tido como “modelar”, como “correto”, segundo as regras estipuladas nas gramáticas normativas. Constitui, portanto, a representação do que seria o falar exemplar – “aquele sem erros” – por isso mesmo o mais socialmente prestigiado. (IRANDÉ, 2007, p.86)

A tira claramente retrata uma situação de preconceito linguístico, quando a personagem da mulher devolve o papagaio simplesmente porque este fala uma variedade estigmatizada na sociedade, que entra em confronto com ela, possuidora das normas ditas padrão da língua. Sherre (2013, p. 55) menciona que “o preconceito linguístico submete a tratamento degradante especialmente às pessoas que dominam variedades linguísticas menos

prestigiadas e que, por meio delas, se expressam”. Outro importante fato, a ser observado, é o papagaio adquirir essa fala através da interação com seu dono, o que nos leva à reflexão do meio influenciar a nossa linguagem.

Sobre a tirinha e suas atividades, podemos considerar que não contribuem de uma forma muito ampla ao desenvolvimento do assunto. Embora possua o debate, a discussão sobre o tema e suas ocorrências de variedades linguísticas, podemos perceber, por suas atividades, que apenas retrata de forma superficial a questão do preconceito linguístico; com outras atividades também de reescrita: passagem do não padrão para a forma padrão. Isso possivelmente não acarretará um interesse no aluno aos estudos da linguagem em uso, não só a sua, mas a língua em diferentes aspectos. Sobre isso, Dionísio cita

Seria mais eficaz se ao invés da simples reescritura na norma padrão, fosse apresentada ao aluno uma situação em que ele pudesse confrontar as formas do padrão com as formas do não padrão e chegar a formular as regras que norteiam as variedades da língua (DIONISÍO, 2008, p.83).

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.  
a) Que palavras causam estranhamento à mulher? *Provavelmente todas as que o papagaio fala: "bicicreta", "cacrete", "cardeneta".*  
b) Como provavelmente ela diria essas palavras? *bicicleta, croquete, caderneta*

2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?  
*O papagaio aprende a falar imitando as pessoas com as quais ele convive.*

3. No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.  
a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio? *Ele deve ser o dono anterior do papagaio.*  
b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?  
*A fala do comerciante revela que o papagaio aprendeu a falar com ele, pois ele também emprega a língua de uma forma diferente da norma-padrão. Professor: Até que o aluno aprenda o conceito de norma-padrão, você poderá explicar que a forma empregada pelo comerciante é diferente da que está registrada no dicionário.*

39

Fonte: Extraído de Cereja e Cochar (2015, pg. 39)

O livro é dividido por seções para a explicação de seus assuntos. Na seção *Conceituando*, há a definição do termo variedades linguísticas que “são as variedades que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada” (p.40). Nesta mesma seção, ainda vemos a atitude dos autores em demonstrar que há as normas consideradas padrão na língua, que servem como “uma espécie de “lei” e orientam o uso social da língua. Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática” (p.40). Explica ainda que a norma padrão é registrada por especialistas da área, que descrevem e sistematizam a língua em uso na sociedade.

Temos um tópico que apesar de ser curto, no livro didático em questão, abre espaço para debates. Ele foca sim nas questões do preconceito linguístico das e variedades



linguísticas estigmatizadas, citando que “pessoas de baixa escolaridade, ou vinda do interior ou de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade linguística diferentes daquelas prestigiadas socialmente” (p.41). Percebemos a preocupação dos autores em abordar essas variedades consideradas inferiores e que sofrem uma discriminação. Para alertar sobre esse comportamento preconceituoso, os autores relembram a tirinha do papagaio e sua situação de desprezo pela mulher que lhe comprou.

Logo após, temos a tirinha de Adão Iturrusgarai, cartunista brasileiro muito utilizado nos LD.

Vejamos:



Fonte: Extraído Cereja e Cochar (2015, p. 41)

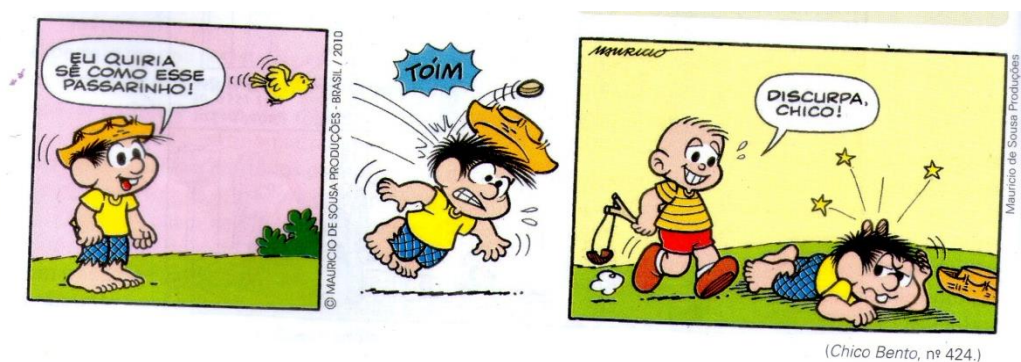
Nela, é apresentada a situação de inadequação e adequação da língua conforme o contexto em que estiver sendo empregado. Na tirinha, os pais do personagem Zezo estão indo a um casamento e há uma reclamação em relação a roupa do filho, que está, na visão dos pais, está inadequada para um evento de casamento. O humor da tirinha foca na inadequação da roupa do Zezo para o evento que ele iria participar. Dessa forma, podemos refletir e debater sobre as situações de uma linguagem mais formais de acordo com o contexto por meio da metáfora proposta pela roupa.

A reflexão sobre a adequação linguística proposta pelos autores através da tira torna-se necessária para que os alunos percebam como a linguagem se adequa a diversas práticas de fala, dependendo da ocasião, do interlocutor e do evento. É justamente pela adequação linguística que a norma padrão deve ser apresentada e ensinada aos discentes como uma outra variedade da língua que tem prestígio social, está presente em contextos mais formais de comunicação e é cobrada nos espaços profissionais e acadêmicos.

Em relação às situações adequação da fala, temos a seguinte explicitação no livro em questão, mostrando a preocupação dos autores com essas situações:

Quando entramos na escola, já conhecemos e dominamos algumas variedades, como a falada na família, na rua ou no bairro. Porém, na escola, temos a oportunidade de nos apropriar de variedades linguísticas de prestígio, que poucas pessoas dominam e são indispensáveis para nossa vida social e profissional. (p. 42)

Em seguida, o livro apresenta os tipos de variação linguística e somos apresentados a vários tipos delas. A primeira, mais usada nos livros didáticos, é a variação diatópica, retratada pelas tão famosas tirinhas do Chico Bento. Vejamos:



Fonte: Extraído Cereja e Cochar (2015, p. 42)

Vale lembrar que, nas histórias do personagem Chico Bento, deparamo-nos com uma linguagem considerada tipicamente do interior ou, mais popularmente conhecida, como um linguajar caipira. E logo em seu surgimento, em meados dos anos 80, o personagem sofreu críticas e várias polêmicas, por reproduzir a fala caipira em oposição à norma-padrão da língua portuguesa. Muitos argumentavam que a maneira como o Chico Bento se expressava iria influenciar as crianças a falarem de forma incorreta (BORTONI, 2004, p.46).

Na tirinha, no primeiro quadrinho, temos as falas de Chico Bento, que correspondem a fala de muitos brasileiros. Não apenas daqueles que vivem no meio rural, pois muitos de nós pronunciamos “quiria” ao invés de “queria”; da mesma forma o “sê” ao invés do “ser”. Por isso, dizer que essa variedade é, por excelência, interiorana é uma generalização duvidosa. Bagno (2007, p, 120) afirma que “as revistas do Chico Bento não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam”.

Por esse fato, é importante evidenciar que as falas do personagem não apenas retratam a fala do dialeto regional ou caipira; muitas vezes representam a fala de um grupo muito mais

abrangente e, por isso, necessitada de um olhar mais sociolinguístico desses textos que circulam no meio escolar. Em relação às falas do Chico Bento, Bortoni (2004) afirma que “esse não é um traço primitivos do falar rural. Pelo contrário, praticamente em todas as manifestações orais do português brasileiro, vemos que as vogais médias /e/ e /o/ são reduzidas para /i/ e /u/. (p. 57).

Algo que também deve ser levado em conta, em relação a esse estilo de estudo sociolinguístico, é a reflexão sobre as experiências que os alunos, muitas vezes, já possuem. Trazidas de sua casa, por seus familiares e amigos, que podem vir a falar como o Chico Bento, as variedades linguísticas das crianças e dos adolescentes não podem ser ignoradas ou desrespeitadas. Não podemos tratar as variedades linguísticas estigmatizadas apenas nas situações internas à escola, porque elas fazem parte, de um espaço maior, do cotidiano do aluno. Conforme Travaglia (2002, p.180) “tudo deve, pois, caminhar para um aprendizado do uso da língua que considere suas variedades (inclusive a norma culta com suas variantes) dentro de um ambiente linguístico mais variado, eclético, e por que não dizer, mais democrático”.

Na seção *Exercício*, é apresentada outra tirinha de Adão Iturusgarai sobre o uso do vício de linguagem do “tipo” e o uso frequente do gerundismo na fala. Os exercícios relacionados ao uso do *tipo* são perguntas diretas, como “o que é?”, sem permitir ao aluno uma análise sobre o uso desse recurso linguístico. Assim, compara a chamada “tiponite” (uso excessivo de empregar a palavra tipo) com nomes de doenças, por exemplo, apendicite e amigdalite, indicando que o uso da expressão *tipo* seria uma doença que prejudicaria a comunicação.



(Folha de S. Paulo, 14/3/2012.)

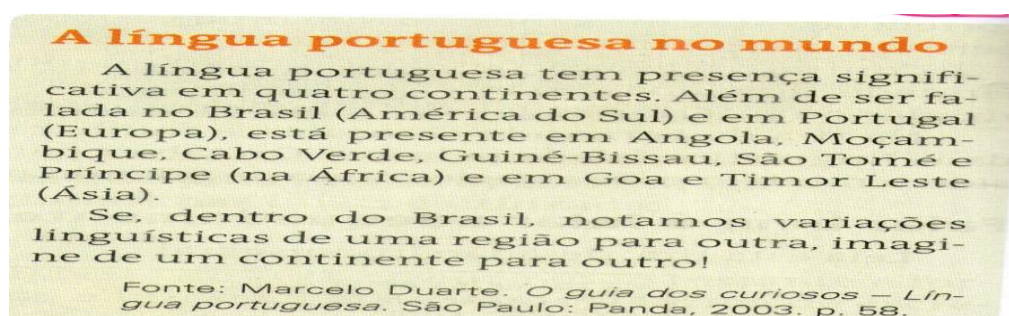
Fonte: Extraído Cereja e Cochar (2015, p. 45)

A seção *Na construção do texto*, inicia com a anedota, retirada de um site de piadas. Na leitura do texto e das questões sobre ele, percebemos o caráter pejorativo que as variações linguísticas possuem ao serem tratadas no livro. O texto fala sobre um funcionário, que apesar

de falar a norma não padrão, possui muito sucesso em sua carreira profissional, causando estranhamente em seus colegas de trabalho, que não aceitam a ideia de alguém falar tão “errado” e ter êxito. As atividades propostas, a princípio, focam em exercícios de observação e correção das frases utilizadas no texto, deixando bem claro a sua inadequação quanto à ortografia e concordância. As reflexões sobre o uso das variações linguísticas, ocorrem, mas de forma superficial, e que só seriam bem utilizadas se o professor estiver dando um suporte teórico sobre as variações e sobre o preconceito linguístico.

Na seção *Semântica e discurso*, temos uma notícia sobre futebol de um site português, como forma de evidenciar a mudança de significados dos léxicos da língua portuguesa do Brasil e de Portugal. O destaque se dá ao termo *camisola* que, no Brasil, significa uma roupa de dormir e, em Portugal, designa uma camisa utilizada pelos jogadores. E, com isso, as atividades nos fazem refletir sobre essas variações de significado em cada um desses países.

Não deixamos de estudar alguns pequenos tópicos encontrados nos livros que são muito interessantes de se observar. São fatos e curiosidades para instigar o aluno a ter um conhecimento mais amplo da dinamicidade da língua. Dentre os assuntos tratados, vemos um pequeno texto explicando quantas línguas existem no mundo, assim como um tópico citando os países de outros continentes que são falantes da língua portuguesa; temas interessantes e curiosos capazes de chamar a atenção dos alunos para a temática da diversidade da língua.



Fonte: Extraído Cereja e Cochar (2015, p. 41)

Por fim, o livro apresenta um estudo das ocorrências linguísticas existentes e como esses mecanismos de variação surgem no funcionamento da língua. Mesmo este livro trazendo mais questões sobre as variações da língua portuguesa do que o primeiro, os autores, de acordo com a análise aqui apresentada, atendem com eficácia o objetivo, proposto em seu manual de orientação ao professor, de levar os alunos “aprimorar sua capacidade de interagir com as pessoas e com o mundo em que vive” (p.4). Isso, a nosso ver, ocorre porque todos os

textos utilizados e suas atividades sobre as ocorrências das variações linguísticas são geralmente associadas ao tom de humor, o que nos mostra a supremacia do preconceito linguístico, que pode levar o aluno a uma posição de negação dessas variações na sua realidade, com medo de sofrer uma pressão negativa na sociedade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o processo de democratização do ensino, ocorrendo desde os anos 60, com os movimentos migratórios pelo país, a língua portuguesa abriu novas portas a um ensino antes renegado: o estudo das variações linguísticas. Isso ocorreu porque a população proveniente desses movimentos adquiriu o direito à escolarização e isso trouxe para a sala de aula uma heterogeneidade linguística. Essas situações requisitaram da escola um olhar cuidadoso em relação às diferenças linguísticas de cada aluno, seus falares e discursos distintos. Dessa forma, surgiu uma necessidade de capacitar o aluno para uma comunicação e interação em diversas situações e contextos, para que desta forma o discente pudesse compreender o outro assim como ser compreendido em meio à diversidade.

Com esse novo cenário, surgem documentos oficiais que introduzem essas discussões das variações no meio escolar, como o PCN e o PNLD, juntamente com o Guia de Livros Didáticos, os principais em circulação no meio educacional. Partindo do preceito de que os livros didáticos são materiais de grande utilidade pelos professores, esses manuais apresentar-se-iam como mais um suporte didático para desfazer a ideia tradicionalista de que a língua é homogênea. Entretanto, nas análises realizadas, encontramos, nos livros, conceitos de língua, diversidade e preconceito, trabalhados em uma visão simplificada sobre os fenômenos linguísticos; sendo guiado por uma concepção de ensino e aprendizagem da língua que se prioriza a substituição da variedade não padrão por outra padrão, trazendo atividades centradas na transformação de frases com não padronizadas por outras adequadas à gramática normativa, tornando, assim, a prática linguística em simples atos mecânicos.

Dessa forma, com o estudo realizado, afirmamos que as variações linguísticas nos livros “Vontade de saber português” e “Português Linguagens” recebem um tratamento vago, superficial, dando destaque sempre à norma padrão. Mesmo não estando em uma situação satisfatória em relação às variações linguísticas, vemos, entretanto, por partes dos autores, certa tentativa de adequação do livro em relação aos princípios da heterogeneidade linguística,

o que os fez evitar, por exemplo, o uso dos termos “errado” ou “certo”, ao se tratar das variedades utilizadas.

O silenciamento nos livros sobre a heterogeneidade linguística não contribui para o progresso e desenvolvimento da competência do aluno. Esse desenvolvimento referente ao conhecimento da existência de uma multiplicidade de falares, discursos, linguagens e suas características. Não mostrar a diversidade tal como ela ocorre no dia a dia não revela a interligação entre língua e sociedade, não apresenta a diversidade da língua como produto da dinâmica dos grupos sociais.

Destacamos que a presença dessa temática nos livros didáticos de língua portuguesa já representa sim um grande avanço. No entanto, sabemos que análise funcional dos fenômenos linguísticos, para além da gramática normativa, ainda precisará seguir um caminho longo para se fortalecer como temática necessária e importante nos materiais didáticos de língua materna. Além disso, acreditamos também que o modo como as variações linguísticas nos livros didáticos são apresentadas necessitam realmente discutir às diferenças entre os cidadãos, favorecendo um processo de ensino e aprendizagem significativo ao propósito da inclusão social. Não basta dizer que existem as variações linguísticas, nem apenas tratá-las com humor, é preciso revelar às crianças e jovens que a diversidade linguística representa a diversidade social e, por isso, falar diferente não é errado; é mais uma forma, dentre tantas outras existentes em nosso país, que representa a pluralidade étnica, racial, de gênero, de escolaridade, de classe social.

Esperamos, assim, com a reflexão, aqui feita, contribuir com os profissionais da educação que se preocupam com o desenvolvimento da competência discursiva de seus alunos, que começa pelo reconhecimento da variação da língua.

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. Parábola, 2005.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. **Brasília: MEC/SEF**, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. (2007). Guia de livros didáticos PNLD 2008: Língua Portuguesa. Ministério da Educação. Brasília: MEC.([http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2008/pnld08\\_lingportuguesa.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2008/pnld08_lingportuguesa.pdf)). Acesso em: 5 de setembro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. (2007). Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ministério da Educação. Brasília: MEC.(<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>). Acesso em: 5 de setembro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais / Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2016. 98 p.

DIONISIO, Angela Paiva (Ed.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Lucerna, 2005.

Guia de livros didáticos: PNLD 2014: língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. 120 p.: il.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. **O livro didático de português: múltiplos olhares**, v. 2, p. 21-34, 2001.

OTA, Ivete Aparecida da Silva. O livro didático de língua portuguesa no Brasil. **Educar, Curitiba: Editora UFPR**, n. 35, p. 211-221, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Para que ensinar teoria gramatical. **Revista de estudos da linguagem**, v. 10, n. 2, p. 135-231, 2002.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Verdadeiro respeito pela fala da outro: realidade possível. **Revista Letra**, v. 8, n. 1, 2013.